

A Corrupção Eleitoral e o Regime

Raul Pilla

TOMEMOS as palavras não pelo que significam realmente em cada caso, mas pelo que exprimem em si mesmas, independentemente do prolator e das circunstâncias. O sr. presidente da República condenou a corrupção eleitoral, em seu último discurso. Ao menos por palavras tomou posição contra ela.

Mas, tal fazendo, deu um depoimento autorizado, embora desnecessário, por ser público e notório o fato articulado. Neste regime e com os nossos costumes, o governo, tendo embora por objeto a coletividade, exerce-se primariamente em benefício dos amigos e companheiros.

«Temos de dar o exemplo — disse o sr. Juscelino Kubitschek — evitando o aumento da área do conflito entre o espírito público e os interesses eleitorais. Sei que por isto terei de reclamar o sacrifício de bons amigos e correligionários».

Esta é realmente a inspiração da política nacional: aos amigos os favores; aos adversários, no máximo, o rigor da lei. Privar os bons amigos e correligionários dos favores do poder, embora por alguns meses somente, é sacrificá-los.

E' que o próprio sistema político por nós adotado com a República leva a esta viciosa concepção da vida pública. Ele consagra o poder pessoal, assegura a irresponsabilidade e reduz a atividade eleitoral meramente ao provimento de cargos. Os partidos existem somente para eleger indivíduos e conquistar posições. A única função dos eleitores é concorrer para a nomeação do presidente, do governador, do prefeito. Por isto, transformam-se os pleitos em verdadeiras guerras de conquista, nas quais o vencedor tem direito aos despojos. As próprias eleições para a constituição do Poder Legislativo, que por definição deveriam ter caráter representativo, reduzem-se a competições meramente pessoais, que explicam a fácil influência do dinheiro. Não se vota por um princípio, uma idéia, uma solução: vota-se, pelos mais variados motivos, numa pessoa, pois outra coisa não pede o sistema.

Postos em termos de conquista do poder pessoal, tornam-se inevitavelmente árduos, duros, violentos, os pleitos eleitorais. Muitos correligionários fazem verdadeiros sacrifícios, arriscando não raro a própria vida. E' o que significa a lamentação do Presidente da República, ao dizer-se disposto a combater a corrupção eleitoral.

Nem se pense que estes costumes sejam exclusivamente nossos, ou se compartilhem somente com as infelizes Repúblicas da América Latina. Nos próprios EE. UU., paradigma do regime presidencial, as mesmas condições políticas criam os mesmos vícios embora atenuados pelas virtudes do povo norte-americano. Conhecido é o caso daquele Presidente recém-eleito, que, escrevendo a um dos seus grandes cabos eleitorais, lhe dizia que, para ele, as portas do palácio estariam abertas sempre, a qualquer hora do dia e da noite...

Com isto não se quer dizer, evidentemente, que vícios eleitorais não haja também com o sistema parlamentar: afirma-se, somente, que o sistema presidencial os gera inevitavelmente.